

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LEONARDO SENE ZUIN

O EU OBJETO: Um Estudo Metapsicológico do
Narcisismo em Freud

SÃO CARLOS -SP
2022

LEONARDO SENE ZUIN

O EU OBJETO: Um Estudo Metapsicológico do Narcisismo em Freud

Monografia apresentada ao
Departamento de Psicologia da
Universidade Federal de São Carlos,
para obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador: Ana Carolina Soliva Soria

São Carlos-SP
2022

Zuin, Leonardo Sene

O eu objeto: um estudo metapsicológico do narcisismo em Freud / Leonardo Sene Zuin -- 2022.

41f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Ana Carolina Soliva Soria

Banca Examinadora: Fátima Caropreso

Bibliografia

1. Narcisismo. 2. Melancolia. I. Zuin, Leonardo Sene. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho à:

Minha orientadora Ana Carolina Soliva Soria, por me acolher na jornada que foi este trabalho, e por toda a orientação e paciência que me foi concedida.

Profa. Fátima Caropreso, por aceitar avaliar o presente trabalho.

Todo corpo docente da UFSCar com o qual tive contato nesses anos de graduação.

Todos os meus amigos, por seu apoio.

Minha tia Marta Regina Sene, e minha colega Letícia Rinolfi Pereira. Sem a ajuda de vocês esse trabalho não estaria como está.

Toda minha família, que está sempre comigo. E um agradecimento especial a meu pai Edson Zuin e minha mãe Valentina Andrea Sene Zuin, que não me deixariam desistir de forma alguma, e me deram a oportunidade de estar onde estou hoje.

RESUMO

Este trabalho compreende uma pesquisa qualitativa sobre o narcisismo na obra de Freud. Tratando desde sua origem, nos estudos freudianos das relações de apoio das pulsões sexuais sobre as pulsões de autoconservação e o autoerotismo, de modo que o narcisismo conduz ao fim da primeira teoria pulsional, os impactos do narcisismo na teoria de Freud, a melancolia afecção de base narcísica, até a adoção da segunda teoria pulsional. Dentre as conclusões deste trabalho, perpassa a ideia de que, mesmo após diminuir em termos de importância, o narcisismo se mantém como um eixo vital para o entendimento do desenvolvimento psicosexual em Freud, e de sua teoria como um todo.

Palavras-chave: Narcisismo. Freud. Libido. Psicanálise.

ABSTRACT

This work comprises a qualitative research on narcissism in Freud's work. Treating since its origin, in Freudian studies of the support relationships of sexual instincts on the instincts of self-preservation and autoeroticism, so that narcissism leads to the end of the first instinctual theory, the impacts of narcissism in Freud's theory, the melancholy as disease of narcissistic basis, until the adoption of the second instinctual theory. Among the conclusions of this work, there is the idea that, even after decreasing in terms of importance, narcissism remains a vital axis for the understanding of psychosexual development in Freud, and of his theory as a whole.

Keyword: Narcissism. Freud. Libido. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	O EU COMO DESTINO DAS PULSÕES	09
3	OS MUITOS REFLEXOS DO NARCISISMO	19
4	MELANCOLIA, UMA PERDA DO EU	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O narcisismo representa todo um capítulo na trajetória pela qual Freud desenvolve sua teoria. Green (1988, p. 10-12) descreve que o narcisismo tomou grande destaque na teoria freudiana entre a primeira e a segunda teoria pulsional. Tendo sido responsável pela “queda” do primeiro dualismo pulsional, Green destaca que o narcisismo ganhava cada vez mais espaço na teoria freudiana, até a apresentação do segundo dualismo pulsional em *Além do Princípio do Prazer* (1921). A partir desse ponto, a importância do narcisismo dentro da teoria freudiana cai vertiginosamente, mas é importante que isso não nos faça pensar que essa restrição transforma o narcisismo em não mais do que um apêndice do corpo teórico freudiano.

Entre os motivos para não considerar o narcisismo um apêndice na teoria freudiana, cabe salientar que, em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud já qualifica o narcisismo enquanto parte integrante do processo de desenvolvimento psicosssexual. Além disso, a compreensão do narcisismo se faz necessária no estudo de outros campos, como na economia da libido e na relação do Eu para com seus objetos. Desse modo, o presente trabalho se dedica ao estudo do narcisismo freudiano, buscando descrever suas origens dentro da teoria e seus principais desdobramentos. Para isso, foi adotada uma abordagem de pesquisa qualitativa, que, de acordo com Gil (2002, p. 44) “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. Por conseguinte, a revisão das obras que são relevantes sobre o tema configura o principal eixo desta pesquisa.

A base teórica deste trabalho se fundamenta, principalmente, na leitura das obras de Freud, atendo-se a um recorte específico de suas obras. Todas as obras freudianas selecionadas compreendem textos produzidos pelo autor entre 1905 e 1923. Ademais, constam também, entre os materiais de referência utilizados, os textos de diferentes comentadores de Freud, bem como artigos científicos, sendo estes últimos levantados por meio de repositórios reconhecidos, como Scielo.

Em suma, o conteúdo aqui apresentado se divide em três capítulos. O primeiro capítulo busca delimitar as bases teóricas mais essenciais para o

entendimento do narcisismo. Para tanto, explora a partir da primeira teoria pulsional, as relações das pulsões para com seus objetos e o Eu enquanto objeto pulsional.

O segundo capítulo, por sua vez, trata-se de um estudo do narcisismo em si, isto é, da adoção do termo e da teoria da libido, até a decadência do narcisismo, ocorrida a partir da segunda teoria pulsional. Por fim, o terceiro capítulo aborda a melancolia, tendo por base o único texto de Freud integralmente dedicado a essa afecção, *Luto e Melancolia* (1917). Nesse texto, Freud apresenta a melancolia enquanto um transtorno de fonte narcísica, e, possivelmente, como o principal desdobramento clínico do narcisismo.

2 O EU COMO DESTINO DAS PULSÕES

O termo alemão *Trieb* é utilizado por Freud para designar um dos conceitos mais fundamentais de sua teoria. De acordo com o *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* (HANNIS, 1996, p. 338), o uso corrente de *Trieb* na língua alemã tem diversos sentidos. O primeiro, de uma força interna que compele o indivíduo para determinado curso de ação; segundo, como uma tendência biológica a certos tipos de ação; terceiro, como um desejo ou vontade intensa que invade o sujeito, entre outros significados.

A tradução de *Trieb* para a língua portuguesa é alvo de debate, tanto pela complexidade das noções teóricas freudianas que estão atreladas ao termo, quando pela sua singularidade de significado frente a outros idiomas, o qual Freud teria declarado como um termo pelo qual muitas outras línguas invejavam o alemão (FREUD, 1926, *apud* SILVEIRA, 2014, p. 202).

Na língua portuguesa, as traduções mais comumente reconhecidas de *Trieb* ficam restritas a oposição entre a adoção enquanto “pulsão” ou “instinto”. No que concerne à adoção específica de um destes termos no presente trabalho, embora algumas das fontes aqui referenciadas optem pelo uso do termo “instinto” enquanto tradução, com especial destaque à “Os instintos e seus destinos”, tradução de Paulo César de Souza do original “*Triebe und Triebschicksale*” (FREUD, 1915), neste trabalho a escolha foi pelo uso de “pulsão”. Deste modo, as citações aqui apresentadas sofreram a substituição do termo *instinto* por *pulsão*, de modo a garantir coerência nominal, sem alteração do sentido original de quaisquer trechos aqui transcritos de forma direta.

A escolha por “pulsão” apoia-se na ideia de que instinto, enquanto palavra de uso corrente na língua portuguesa, tem como uma de suas acepções mais frequentes a de um comportamento geneticamente transmitido, geralmente associado à natureza animal, tal qual o processo pelo qual uma aranha constrói sua teia. Silveira (2014) defende que é esse fato que faz da tradução de *Trieb* por *instinto* como inadequada, pois a aproximação da pulsão para com um conceito biologizante esvaziaria vários dos argumentos de Freud, e muito embora muitos de seus conceitos, como a própria pulsão, tenham sido edificados sobre claras inspirações em processos biológicos, não se subordinam a eles. “Se, aos olhos de

Freud, a psicanálise fosse redutível à biologia, ele não teria motivos para alegar reiteradamente ter criado uma disciplina científica autônoma” (SILVEIRA, 2014, p. 198).

O emprego da pulsão enquanto um conceito estruturado só se mostrará presente na teoria freudiana em 1905, com *Três Ensaios Sobre a Sexualidade*, conforme constatam Laplanche e Pontalis (2001, p. 394). Mas, desde O Projeto (1895), Freud já delineava em sua teoria os contornos do que caracterizava uma força interna posta em movimento através da ação de alguns estímulos específicos, capaz de direcionar o sujeito a um determinado curso de ação, como atesta Garcia-Roza (1994, p. 121), muito embora sua proposta inicial pudesse estar bem mais voltada para um modelo fisiológico, baseada em sinais, receptores e outros segmentos do sistema nervoso, a fisiologia tem diversas influências na construção do conceito de pulsão, na verdade, a própria fronteira entre o que é psicológico e o que é biológico se dá de forma não tão clara no esquema pulsional. O próprio esquema pulsional é baseado na ideia de arco-reflexo, retirado do campo da fisiologia.

[...] o conceito de estímulo e o esquema do arco reflexo, segundo o qual um estímulo que vem de fora para o tecido vivo (a substância nervosa) é descarregado para fora por meio da ação. Esta ação se torna apropriada na medida em que subtrai a substância estimulada à influência do estímulo, afasta-a do raio de ação dele. (FREUD, 1915, p. 40)

Um exemplo banal de funcionamento do arco reflexo, mas que nos permite ter acesso a suas noções mais básicas de forma diretiva, ocorre quando uma pessoa toca com seu dedo a chama de uma vela, o calor proveniente da chama queima a pele, provocando dor, então, por meio de uma ação de reflexo, a pessoa retira, ou melhor, afasta o dedo da vela rapidamente. Vemos na chama da vela um estímulo externo que age sobre o indivíduo. A dor provocada pela queimadura é um estímulo externo desagradável, o corpo inundado por esse estímulo de desprazer depreende a ação reflexa de afastar-se do contato com a chama, buscando assim a eliminação deste estímulo. É claro que, embora possa basear-se nas mesmas noções básicas, a descrição de Freud quanto aos mecanismos pulsionais comportam algumas diferenças cruciais em relação ao esquema do arco-reflexo, que lhe conferem seu caráter próprio.

Segundo Freud (1915, p. 40), o estímulo pulsional não provém de uma fonte externa, tal qual ocorre com o estímulo desencadeador do arco-reflexo, mas sim dos processos inerentes ao próprio organismo, tendo origem interna. Do mesmo modo, ele ressalta outro ponto discrepante, enquanto a atuação do estímulo desencadeador do arco-reflexo é momentânea, o estímulo pulsional age de forma constante e ininterrupta para com o sujeito.

Através da combinação destes dois fatores, a internalidade e a ininterruptibilidade do estímulo pulsional, define-se um estado de permanência do estímulo pulsional, ao qual não se pode escapar, até sua eliminação por meio de uma ação pertinente. “Uma denominação melhor para o estímulo pulsional é 'necessidade' [*Bedürfnis*]; o que suprime essa necessidade é a 'satisfação' [*Befriedigung*]” (Freud, 1915, p. 40).

As funções pulsionais se regulam mediante a oposição prazer - desprazer. O crescimento da estimulação pulsional ocorre internamente e de modo lento, porém constante. Esse aumento de excitação interna decorrente do estímulo pulsional é sentido não apenas como desencadeador de uma necessidade, mas ganha a qualidade de desprazer. O crescente incômodo provocado pelo aumento do estímulo pulsional se soma à incapacidade de fuga para com o estímulo interno, e, assim, só pode ser eliminado a partir de uma ação apropriada à natureza da pulsão em questão.

Por sua vez, o processo para atingir tal satisfação não se dá de forma simples, mas sim através do encadeamento de diversas respostas que irão alterar o mundo externo, tendo por finalidade encerrar o desprazer promovido pelo acúmulo de estímulos internos, gerando assim satisfação, conforme vemos em *As Pulsões e Seus Destinos* (FREUD, 1915, p. 41-42).

A determinação de que as relações pulsionais são baseadas em um princípio de prazer, estruturado na dinâmica de aumento da estimulação pulsional, cuja pressão causado pelo aumento do estímulo interno provoca incômodo, seguido pelo prazer gerado pela descarga dessa excitação, incorre na elaboração de outro princípio regulador.

Desde os primeiros trabalhos, Freud supôs que o sistema nervoso trabalharia com um conceito de tendência, que procuraria manter o nível de excitação no menor grau possível pela evitação dos estímulos externos e pela descarga do aumento das tensões internas. (SORIA, 2005, p. 12)

O chamado princípio de constância implica nessa predisposição do organismo a manter o nível de excitação interna o mais próximo possível de zero. Embora essa tendência se aplique também a eliminação dos estímulos de fonte externa, mais próprios dos fenômenos fisiológicos, mas, ressalta-se em relação aos estímulos pulsionais internos, em especial pela incapacidade de fuga do sujeito para com eles.

A influência dos mecanismos pulsionais pode ser disposta através de um amplo espectro de processos da vida individual, sendo por vezes a força oculta que coloca o sujeito em movimento. Mas, dentro da estrutura pulsional, neste primeiro momento de seu desenvolvimento teórico, Freud as decompõe em dois grupos principais: as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, estabelecendo assim a primeira teoria pulsional.

A escolha específica por uma divisão pautada nesses dois grupos, conforme descrito por Freud (1915, p. 44-45), advém do seu trabalho para com casos das assim chamadas "neuroses de transferência", das quais ele atribui a origem a um conflito entre as exigências das pulsões sexuais colocadas em oposição às das pulsões autoconservativas.

Em busca de validação para a oposição de forças levantada na dualidade pulsional, Freud (1915, p. 45) procura respaldo no campo da biologia, que, segundo ele, não coloca em pé de igualdade a autoconservação do sujeito e o comportamento sexual, do que aponta duas vertentes dos estudos desta área: a primeira de que o próprio sujeito e sua conservação constituem a matéria principal, e a busca pelo sexo ficaria resignada a um comportamento de importância secundária; a outra vertente, no entanto, coloca o indivíduo e sua tendência à autopreservação como não mais que uma função na tarefa primordial de passar seu material genético pela reprodução.

É claro que, ao nos debruçarmos sobre o estudo do desenvolvimento psicosssexual em Freud, mais adiante, veremos que dentro de sua linha teórica a

pulsão sexual ultrapassa em muito a mera qualidade reprodutiva, abrangendo uma série muito mais complexa de necessidades pulsionais.

Cabe ressaltar que, a despeito da formação de dualidade pulsional, as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação não constituem uma relação de oposição direta, com as duas forças lutando internamente. Embora conflitos de necessidades pulsionais possam surgir, é mais comum que ambas coexistam paralelamente no exercício de suas funções.

Para delimitar claramente cada uma das pulsões em suas especificidades é preciso basear-se nos aspectos que compõem uma pulsão. Freud estrutura o funcionamento pulsional sobre quatro aspectos básicos, Impulso, Meta, Fonte e Objeto. Algumas destas características são compartilhadas por ambas as partes da dualidade pulsional, enquanto outras diferem de forma a revelar as qualidades específicas de cada pulsão.

“Por impulso (*Drang*)¹ de uma pulsão compreende-se o seu elemento motor, a soma de força ou a medida de trabalho que ele representa” (FREUD, 1915, p. 42). O impulso é uma característica compartilhada por todas as pulsões, uma representação da pressão interna gerada pelo aumento gradual do estímulo. Quando essa pressão se torna grande demais, o impulso coloca o sujeito em curso de ação para diminuí-la. Quanto às ações instigadas pelo impulso, estas possuem grandes variações entre si, visto que as pulsões exigem comportamentos específicos e complexos para alcançar a supressão de seus estímulos.

A meta (*Ziel*) de uma pulsão “[...] é sempre a satisfação” (FREUD, 1915, p. 43), sendo essa mesma meta atrelada às pulsões de modo geral. A variação entre as pulsões ocorre não na meta geral de satisfação, mas nos processos que cada pulsão irá dispor para alcançá-la, bem como na possibilidade de busca por satisfações parciais da meta.

¹ O termo *Drang* também possui diversidade de traduções para o português, com o termo “pressão” adotado de modo recorrente em diversas obras freudianas, como por exemplo nas traduções da *Imago*; além de outras traduções possíveis, tais como “necessidade”, ou “ímpeto”, do modo como se observa na nomenclatura do movimento literário romântico alemão *Tempestade e Ímpeto* (*Sturm und Drang*).

É nesse segmento que Freud evidencia a ideia de pulsões inibidas na meta, “[...] que são toleradas por um trecho de caminho, na direção da satisfação pulsional, mas que logo experimentam uma inibição ou desvio” (1915, p. 43). Tais inibições representam a manifestação de forças repressoras do inconsciente para com a plena satisfação de uma necessidade pulsional, apartando a pulsão de sua meta original por razões várias que decorrem do desenvolvimento particular do sujeito, decorrendo daí a busca por metas alternativas ou satisfações parciais para buscar a diminuição do estímulo proveniente da pulsão original.

Demonstra-se também relevante examinar a ideia de que a inibição de uma meta pulsional possa ocasionar um desvio para uma constante satisfação parcial da mesma, distanciando o sujeito da meta original, nunca alcançando a plena satisfação por meio da eliminação completa do estímulo interno, estabelecendo a busca apenas por métodos para aliviar a pressão pulsional interna até níveis “aceitáveis”.

O terceiro elemento a compor a estrutura pulsional, a fonte (*Quelle*), segundo Freud (1915, p. 43), entende-se como sendo o órgão, ou processo decorrente do mesmo, o qual corresponde à origem do estímulo pulsional. É possível, se não indicado, que cada pulsão tenha uma fonte determinada. O conceito de fonte pulsional está atrelado a processos internos orgânicos, concentrados em órgãos internos sensíveis, constituindo assim a parte mais biológica dentre os elementos pulsionais. O estudo da fonte está, porém, fora do campo de investigação da psicanálise.

Freud (1915, p. 43) dispõe diversas características sobre o objeto (*Objekt*) pulsional, o quarto elemento que compõe as pulsões. Este corresponde ao objeto que será empregado na tarefa de alcançar a meta pulsional, podendo estar disposto no mundo externo assim como contido no corpo do próprio sujeito, uma parte do mesmo. Um mesmo objeto também pode servir a múltiplas pulsões sem que haja qualquer conflito entre estas pelo controle do objeto.

Pautando o funcionamento das pulsões sobre essa estrutura determinada, é mais fácil examinar como estes elementos se organizam nos dois pólos do esquema

de dualidade pulsional, e as semelhanças e distinções que justificam a divisão da primeira teoria pulsional, entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais.

De acordo com Laplanche e Pontalis sobre as pulsões de autoconservação, “[...] designam o conjunto de necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo; a fome constitui seu protótipo” (2001, p. 404). Deste modo, pautados sobre a ideia da fome como exemplo ideal para examinar o funcionamento desta pulsão, podemos montar um quadro claro da mesma.

Elaborando o esquema de funcionamento da fome enquanto uma pulsão de autoconservação, podemos interpretar como sendo o estímulo interno, a fome, que ocasiona o impulso de consumir alimento, de modo a diminuir esse estímulo.

Dispondo sobre o esquema dos seguintes elementos, podemos deduzir a fonte desta pulsão específica baseado em nossas próprias experiências fisiológicas, como sendo o estômago, embora o próprio Freud nunca tenha se preocupado especificamente com isso, visto que, como afirmamos acima, para ele “O estudo das fontes pulsionais já não pertence à psicologia” (1915, p. 43). O impulso decorrente do estímulo é o que impele ao consumo do alimento, objeto pulsional, de modo a alcançar a satisfação pela diminuição do estímulo inicial, meta universal a todas as pulsões.

No que se refere a elucidar as pulsões sexuais quanto a sua estrutura dentro destes elementos, Freud afirma (1915, p. 46) que as pulsões sexuais partem de múltiplas fontes internas, não estando restritas à genitalidade, como seria próprio pensar em um primeiro momento, com cada uma destas fontes funcionando de forma independente, sendo a diminuição da excitação proveniente dessas fontes a meta de satisfação das pulsões sexuais, e cada pulsão dentro deste quadro impõe suas próprias exigências para que seja alcançada tal satisfação.

Mas, é em relação aos objetos das pulsões sexuais que se desvenda para nós a maior distinção das pulsões sexuais quando comparadas às de autoconservação, pois, ao contrário destas, as pulsões sexuais não possuem objeto determinado, sendo até mesmo comum a variação quanto ao objeto ao longo da vida do sujeito para com várias pulsões deste quadro.

Em todo caso, é esclarecedor quanto à natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tanta variação e tal diminuição do seu objeto, algo que a fome, que se atém muito mais energicamente a seu objeto, só permitiria num caso extremo. (FREUD, 1905, p. 39)

Estes pensamentos se tornam mais concretos quando examinamos o início da vida pulsional do indivíduo. Ambas as pulsões estão presentes desde o nascimento, com as pulsões de autoconservação focadas sobre os aspectos mais básicos da subsistência individual, mediante objetos bem delimitados, como no já citado exemplo da nutrição.

O mesmo não ocorre com as pulsões sexuais, que no início da vida pulsional surgem como pulsões órfãs de objeto, adotando, por assim dizer, objetos que não lhes são inerentes.

Ao aparecer, apoiam-se inicialmente nas pulsões de conservação, das quais se desligam apenas aos poucos, e seguem também na busca de objeto os caminhos que lhes mostram as pulsões de autoconservação. (FREUD, 1915, p. 46)

Em decorrência deste apoio inicial, os órgãos diretamente associados a funções autoconservativas adquirem a qualidade de fonte de prazer, associados à satisfação parcial das pulsões sexuais. Estas, as chamadas zonas erógenas, “parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade” (FREUD, 1905, p. 87).

A boca constitui uma zona erógena natural a muitos indivíduos, como indicado por Freud (1905, p. 85), estando associada inicialmente à obtenção do alimento na nutrição e adquire o caráter de zona erógena conforme se associa ao estímulo gerado pela sucção do leite materno, isto é, ao se apoiar sobre a função autoconservativa. Não é à toa que a autoestimulação dessa área pela criança é um fenômeno tão comumente observado, uma manifestação clara do autoerotismo infantil.

Já pudemos ver, no ato de chupar ou sugar com leite, as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta surge apoiando-se numa das funções vitais do corpo, ainda não tem objeto sexual, é autoerótica, e sua meta sexual é dominada por uma zona erógena. (FREUD, 1905, p. 87)

Este momento da infância, marcado por estes três elementos únicos, remete ao estágio que será posteriormente denominado “narcisismo primário”.

É esperado que com o passar dos anos a maturação sexual e a concentração da meta sexual na fonte genital ocasionam uma forma de sublimação das metas parciais, com substituição pela meta final das pulsões sexuais. Mas, mesmo após esse período, não é raro que se detecte em indivíduos perfeitamente desenvolvidos a persistência da atividade destas zonas erógenas enquanto fontes de prazer sexual.

Tal fixação na zona erógena e em uma meta alternativa não ocorre para todos os indivíduos, pressupondo-se assim apenas para com aqueles que manifestam alguma forma de predisposição a tanto. Atendo-nos ao exemplo da fixação dos lábios enquanto zona erógena, Freud (1905, p. 86) enuncia que adultos que apresentam tal fixação podem manifestá-la de diversas formas, na busca pela satisfação através do beijo, do que Freud denomina “beijos perversos”, ou mesmo através de compulsões associadas ao ato de consumir, no gosto pela bebida ou cigarro.

E no que concerne ao aspecto autoerótico, a fluidez do objeto sexual em nada contradiz o retorno da pulsão de modo que esta se volte para o próprio Eu como objeto, demonstrado por Freud através da análise relacional dos pares de oposição, sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo.

O sadismo é caracterizado como o ato de infligir dor a outro, tendo este como objeto, tal qual ocorre com o voyeurismo que consiste em observar a nudez do outro, obtendo satisfação mediante a exposição a que seu objeto externo está sujeito. Ambos possuem como meta a obtenção de prazer através da ação exercida sobre esse objeto externo, e em seus opostos reside o retorno da pulsão ao eu.

A volta contra a própria pessoa nos é sugerida pela consideração de que o masoquismo, afinal, é um sadismo voltado contra o próprio Eu, e o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo. (FREUD, 1915, p. 47)

Assim, podemos verificar no masoquismo e no exibicionismo um retorno do Eu enquanto objeto central na relação de prazer, o ato de receber dor através do masoquismo, ou de ter sua nudez contemplada no exibicionismo, tem a si mesmos enquanto objeto de prazer, com o adendo que, para alcançar a satisfação, esse prazer deve ser mediado por outro sujeito, aquele que inflige dor ao masoquista, ou observa o exibicionista.

A volta do Eu enquanto objeto permeia não apenas os pares citados acima, mas toda uma gama de pulsões cujas relações objetais não se mostram tão evidentes. É imprescindível ressaltar, por fim, que o emprego do próprio Eu enquanto objeto de prazer emana de uma relação para com o objeto externo precedente, mas, no que confere a Freud (1915, p. 51), de um estágio anterior de autoerotismo, próprio do início da vida. Estas relações objetais autoeróticas representam a norma sobre a qual se estabelece o conceito geral de narcisismo na teoria freudiana, que será explorado adiante.

3 OS MUITOS REFLEXOS DO NARCISISMO

A palavra narcisismo deriva do mito grego de Narciso, um jovem de beleza incomparável, que encontra um trágico fim após se apaixonar por seu próprio reflexo. Comumente entendido como o amor por si mesmo, o narcisismo constitui um termo clínico, que, por vezes, também é empregado na língua cotidiana para exaltar ou acusar uma autossuficiência afetiva da qual determinada pessoa desfruta, por amar a si mesma de forma exacerbada.

Na teoria freudiana, o narcisismo ocupa um espaço fundamental enquanto enquadrado no desenvolvimento normal do sujeito. Mas, ao perscrutarmos sua incorporação conceitual, podemos notar que o termo já se fazia presente na teoria antes de ser propriamente consolidado como um conceito psicanalítico. Exemplo disso, são as investigações de Freud sobre o autoerotismo, expostas no estudo dos Três ensaios sobre a sexualidade (1905), tema que depois seria englobado no conjunto narcísico.

A própria palavra narcisismo, segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 287), somente aparece nos textos freudianos em 1910, estando neste momento vinculada a uma tentativa de explicar a escolha de objeto homossexual. Tampouco a elaboração do termo se credita a Freud, como o próprio reconhece, pois trata-se da apropriação de um termo clínico já existente.

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. (FREUD, 1914, p. 10)

Nessa dimensão original, observamos o emprego do narcisismo dentro de um enfoque muito restritivo em termos de sentido, enquanto sinônimo de uma compulsão à autoestimulação. O gradual desenvolvimento teórico freudiano conduz o seu narcisismo a abarcar um construto muito mais amplo e robusto em termos de significado, acomodando tudo que remete à relação do Eu enquanto objeto de amor do próprio sujeito. Conforme verificado por Laplanche e Pontalis (2001, p. 287), já em 1911, na sua análise do caso Schreber, Freud dá um destaque significativo ao narcisismo ao propor uma fase do desenvolvimento normal que se configura como

um período intermediário entre o autoerotismo e o amor de objeto, em que o sujeito toma a si mesmo como objeto de amor.

A ideia de um narcisismo primário, então, estabelece-se na literatura de Freud como parte vital do desenvolvimento humano. Ela se origina, como discutido no capítulo anterior, do apoio das pulsões sexuais sobre as funções de autoconservação, e da busca das pulsões sexuais por um objeto que lhe garanta satisfação no início da vida, quando outros objetos são indisponíveis. Desse modo, as pulsões sexuais se direcionam infalivelmente ao próprio sujeito, só posteriormente sendo cedidas a objetos externos, como que por um movimento natural dessa energia.

As pulsões sexuais apoiam-se de início na satisfação das pulsões de autoconservação, apenas mais tarde tornam-se independentes delas; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui. (FREUD, 1914, p. 22)

Todo esse movimento se baseia na capacidade das pulsões sexuais de mudar o objeto no qual depreende parte de sua energia, fazendo-o frequentemente e com naturalidade. A libido, baseando-se nas definições apontadas por Laplanche e Pontalis (2001, p. 265-267), corresponde a uma medida, embora não concretamente mensurável, de toda energia de que dispõe a pulsão sexual, não somente enquanto ligada à meta de satisfação sexual, mas a tudo que se conforma dentro da ideia de afeto.

Em Freud, a libido se divide em dois grupos de oposição, baseado no destino do seu investimento. Trata-se da libido do eu, direcionada para o próprio sujeito, e da libido objetal, que compreende toda a libido investida nos objetos do mundo externo. A busca da criança por objetos externos, em detrimento do Eu que até então se conservava como seu único objeto sexual, é o protótipo da relação de oposição entre libido do Eu e libido objetal. “Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (FREUD, 1914, p. 12). Desse modo, entende-se a libido enquanto uma energia limitada, mas que varia persistentemente quanto aos objetos e a intensidade de seus investimentos.

A libido investida em um objeto externo resulta na diminuição daquela que antes se via investida no próprio eu. Igualmente, a energia que foi investida no

objeto externo pode ser retirada e retornar para o próprio sujeito, permanecendo lá como libido do eu, ou sendo reinvestida em outro objeto no mundo externo. “Notamos apenas as emanções dessa libido, os investimentos de objeto que podem ser avançados e novamente recuados.” (FREUD, 1914, p. 12).

As manifestações narcísicas observadas na vida adulta, que configuram o narcisismo secundário, funcionam como um movimento de regressão ao estágio de narcisismo primordial. Como é possível observar em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud passa a vincular esse narcisismo secundário à raiz de alguns transtornos, como as crenças de pacientes obsessivos e a megalomania presente nos delírios esquizofrênicos, por ele designados pela terminologia de parafrênicos.

No entanto, a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetivos como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias. (FREUD, 1914, p. 11)

As repercussões do narcisismo primário no decurso dos estados que lhe procedem no desenvolvimento não se reservam apenas aos possíveis transtornos que o indivíduo estará sujeito a desenvolver. Muitos fenômenos que podem ser considerados como mais comumente observados ao longo da vida normal dos indivíduos são regidos por princípios claramente narcísicos.

É algo sabido, e tomamos por evidente, que alguém que sofre de dor orgânica e más sensações abandona o interesse pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento. Uma observação mais precisa mostra que ele também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos, que cessa de amar enquanto sofre. (FREUD, 1914, p. 17)

A interrupção dos afetos externos dos doentes, levantada por Freud, e que pode ser comumente observada em indivíduos que vivenciam estado semelhante, trata-se de um movimento de regressão narcísica. A retirada da libido dos objetos externos tenciona a diminuição dos estímulos decorrentes destes. Por conseguinte, a libido então dirigida ao Eu proporciona o engrandecimento de um ego empobrecido por seu estado enfermo, favorecendo a estrutura psíquica em meio à adversidade proporcionada pela doença, para que após sua recuperação o Eu possa se ocupar em devolver seus afetos ao mundo externo.

A economia da libido, segundo o entendimento dela como um montante fixo a ser repartido entre o Eu e os objetos, é determinante no estabelecimento e na conservação do amor-próprio. O envio de libido para objetos externos ocasiona a diminuição da libido anteriormente dirigida ao próprio eu, e, por consequência, empobrece o amor-próprio. Somente sendo amado pelo objeto no qual parte de seu ser foi depositado, ou seja, alcançando a satisfação através do objeto investido de libido, o Eu pode recuperar o amor-próprio perdido, “alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la.” (FREUD, 1914, p. 31).

Podemos nos perguntar, então, por que o Eu opta por arriscar sua integridade e autossuficiência ao investir parte de sua libido sobre os objetos externos. De acordo com Mezan (2013, p. 178), trata-se de um movimento natural do desenvolvimento, pois quando o investimento libidinal do Eu atinge certa proporção, o próprio princípio de constância postula o investimento da libido nos objetos externos, de modo a evitar o desprazer. “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar.” (FREUD, 1914, p. 20)

A forma como se dá a escolha do objeto de amor de um sujeito também admite os reflexos de desígnios narcisistas. Em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud classifica essa escolha conforme dois modelos distintos, o tipo de apoio, ou anaclítico, e o tipo narcísico.

O tipo de apoio, segundo Freud (1914, p. 22), deriva da relação inicial de apoio da satisfação das pulsões sexuais sobre os objetos autoconservativos. Mais precisamente, deriva do movimento de transferência da libido para um objeto externo, neste caso a figura responsável de seus cuidados, geralmente a mãe. Num primeiro olhar, essa relação pode não se mostrar tão clara para nós, visto que o apoio pulsional que ocorre no início da vida, do modo como nos é retratado, traduz um apoio das funções para obtenção de prazer. Soria (2005, p. 43-44) menciona outro escopo da relação de apoio do bebê sobre aquele que lhe nutre e satisfaz, pois, a mãe é aquela para a qual o bebê direciona boa parte de sua libido quando essa é liberada para ser investida sobre os objetos externos. E é a forma como se

dará essa relação de apoio entre o bebê e a mãe, ou quem a substitui, que pode instigar a escolha objetal sobre o modelo anaclítico.

Certamente, é possível, para nós, enxergar diversos atributos da formação dessa relação de apoio sobre a estrutura edípica, que em seu exemplo mais clássico, o menino, por imensurável amor à mãe, tenciona eliminar tudo aquilo que o afasta dela, desencadeando, a partir disso, o conflito com o pai que se observa na fase edípica. Freud (1914, p. 24-25) descreve que, através do tipo de apoio, o indivíduo busca em seu objeto de amor: a figura cuidadora feminina; a figura protetora masculina; quaisquer derivações que podem provir destes papéis.

Do outro lado da moeda, os indivíduos do tipo narcísico não pautam sua escolha objetal através da imagem de um objeto externo idealizado, mas sim a partir deles mesmos. A existência desse modelo de escolha de objeto seria “[...] o mais forte motivo que nos levou à hipótese do narcisismo” (FREUD, 1914, p. 22). Aqueles que amam em conformidade com o tipo narcísico, segundo Freud (1914, p. 24), procuram em seu objeto de amor: eles próprios; o que eles já foram, mas perderam; aquilo que gostariam de ser; ou, aquilo que já foi parte deles mesmos. Cada uma dessas formas de procura do objeto se relaciona, de maneira intrincada, a vários aspectos teóricos do que forma o narcisismo, merecendo ser explorada de modo mais minucioso.

A primeira das procuras mencionadas acima, a saber, o sujeito que ama a si mesmo, é certamente a fiel representação da imagem popularmente construída de um indivíduo narcisista. Freud, ao comentar sobre as manifestações do tipo narcísico nas mulheres, coloca em foco um perfil que parece adequar-se ao tipo de escolha, inclusive porque o trata de forma mais geral, isto é, não restrito apenas ao narcisismo feminino.

A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelo homem. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição. (FREUD, 1914, p. 23)

Avancemos em relação às demais escolhas. Sobre o indivíduo que ama a partir do que ele mesmo já foi, mas perdeu, ou a partir do que gostaria de ser, estes constituem um arranjo que merece atenção, pois, seu funcionamento aparece intimamente atrelado aos contornos delimitados pelo *Ideal do Eu (Ichideal)*. Esse

ideal do eu, de acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p. 222), trata-se de uma instância psíquica que nasce a partir do narcisismo original e da identificação com os pais, constituindo um modelo ideal autoimposto do sujeito.

Transitemos aqui a clarificação, estabelecendo a relação entre o Eu ideal e o Ideal do Eu, que representam estruturas psíquicas diferentes. Freud (1914, p. 27) nos aponta que o Eu Ideal remete a um estado anteriormente alcançado pelo indivíduo, o narcisismo primário do infante, que já foi anteriormente explicado neste capítulo, período em que o bebê constitui em ser “perfeito” em si mesmo. O Ideal do Eu, por sua vez, é uma construção posterior, como uma projeção de um Eu perfeito e almejado, que passa então a ser investido de libido, uma regressão narcísica, que tenta retornar a satisfação vivenciada ao se desfrutar de um Eu ideal.

Referente ao que ama conforme aquilo que ele mesmo gostaria de ser e ao que ama conforme o que ele mesmo já foi, ambos têm o cumprimento do ideal do Eu como o mais alto requisito na satisfação buscada através do objeto de amor. Sobre o primeiro, devido à impossibilidade de restaurar o narcisismo original e tornar a ser Eu ideal, quando o Eu vivia em perfeição e conformidade consigo mesmo, o sujeito narcísico pode buscar em outro aquilo que falta nele mesmo, alcançando a satisfação pela libido investida no objeto idealizado.

Onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal do Eu pode ser usado para a satisfação substitutiva. Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo da escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve. (FREUD, 1914, p. 34)

No que concerne somente ao segundo, o amor a um objeto que já foi parte do sujeito, encontra um exemplo claro na relação de uma mãe ou substitutos para com seu bebê. Freud (1914, p. 25) nos apresenta o exemplo mais claro desse funcionamento ao tratar do afeto que os pais dirigem aos seus filhos, em especial quando recém-nascidos, projetando na criança o retorno ao estado narcísico original abandonado. O ideal do Eu e sua satisfação comportam também sua parcela de responsabilidade no preenchimento do amor próprio.

Uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetual. (FREUD, 1914, p. 33)

Cabe também constatar que essa revivescência do narcisismo proporcionada pela parentalidade é facilmente observável no comportamento de muitos pais em relação aos seus filhos. Esse fenômeno não parece estar restrito a indivíduos de escolha objetal narcísica, e, presume-se, pode facilmente ser verificado mesmo em indivíduos que manifestam o tipo anaclítico na maior parte de suas relações.

Retomando a separação teórica entre os diferentes tipos de escolha de objeto, o tipo de apoio e o tipo narcísico, é importante que não pensemos em cada um destes modelos como a expressão de uma tendência inata, imutável e definida. Em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud enfatiza a concepção de que o tipo de apoio seria mais natural ao homem, e o tipo narcísico, à mulher. Entretanto, cabe a nós lembrar da particularidade que convém às pulsões sexuais, sua capacidade de mudar de objeto.

Da mesma forma, pode-se inferir que, caso haja qualquer tendência inata a um tipo de escolha de objeto, esta não se expressaria de forma determinante. Tal tendência não contrariaria a suposição de troca de um modelo de escolha de objeto vigente. “Preferimos supor, isto sim, que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência.” (FREUD, 1914, p. 22). Mesmo a ideia de um funcionamento conjunto, com predominância de um dos tipos de escolha de objeto, mas que carrega consigo elementos que remetem ao seu tipo oposto, não nos deve parecer, afinal, algo fora de possibilidade.

O narcisismo se instala com tamanho impacto na teoria freudiana, que abala as estruturas até então vigentes. A primeira teoria pulsional, fundamentada na oposição entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, ficou ameaçada diante da admissão do narcisismo, principalmente no que remete à teoria da libido. Segundo Garcia-Roza (1994, p. 125-126), a designação da libido dividida entre uma que se destina aos objetos (libido objetal) e outra que se deposita no próprio Eu (libido narcísica) traz consigo uma nova ideia. Nela, as pulsões de autoconservação configurariam um amor a si mesmo, nada além de uma pulsão sexual disposta à libido do eu, fruto do narcisismo original. Sendo assim, não haveria a necessidade

de existirem duas pulsões, uma vez que tudo se resumiria a um monismo pulsional sexual.

Nesta direção, tudo parecia conduzir para a admissão de uma unificação pulsional. No entanto, o próprio Freud nunca se mostrou satisfeito diante dessa possibilidade. Ainda em *Introdução ao Narcisismo* (FREUD, 1914, p. 14), ele argumenta contra o que seria um descarte apressado do dualismo pulsional, que segundo ele ainda era apoiado por diversos fatores, como sua utilidade no entendimento das neuroses de transferência, muito baseadas na ideia do surgimento de um conflito entre pulsões sexuais e de autoconservação; ou ainda, no suporte que a biologia conferiria a esse tipo de divisão.

Em 1920, com *Além do Princípio do Prazer* contrariando as expectativas depositadas no anúncio do monismo pulsional, conforme atestam Garcia-Roza (1994, p. 126) e Green (1988, p. 10), Freud lança mão de um novo dualismo pulsional. Nessa segunda teoria pulsional, as pulsões de vida e as pulsões de autoconservação são agora unificadas sob o termo pulsões de vida, em oposição às denominadas pulsões de morte ou de destruição. Ou seja, Freud não abre mão do dualismo pulsional, mas substitui as forças que se dispõem nessa relação.

O narcisismo, por sua vez, perde cada vez mais espaço na teoria freudiana a partir da instituição da segunda teoria pulsional, em favor das pulsões de morte. Ademais, a partir de revisões de fundamentos e do conteúdo de obras anteriores, é possível constatar que o narcisismo foi sendo progressivamente dissociado da maioria dos transtornos aos quais seu impacto tinha anteriormente sido considerado, exceto, segundo Green (1988, p. 12), de sua associação com as raízes da melancolia, que permanece intocada. Portanto, ao nos adentrarmos agora no estudo da melancolia, não percamos de vista que enquanto nos debruçamos sobre ela, continuamos examinando ainda o próprio narcisismo freudiano, que erige os alicerces teóricos para o entendimento da melancolia.

4 MELANCOLIA, UMA PERDA DO EU

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud realiza uma exploração do funcionamento da melancolia, em comparação com o fenômeno normal do luto. O trabalho é uma consequência direta de seu ainda recente, na época, *Introdução ao Narcisismo* (1914), e se estabelece como seu único trabalho dedicado à investigação do indivíduo melancólico.

A opção de pautar o estudo na comparação entre a melancolia e o luto se apoia no argumento que Freud (1917, p. 128) nos apresenta, de que o luto e a melancolia desfrutam de profundas similitudes. O autor sugere que ambos compartilham a mesma origem, sob a ideia de que alguns indivíduos, quando submetidos às mesmas experiências que dariam origem a um estado de luto, vêm a padecer de melancolia, o que nos sugere a manifestação de uma forma de tendência, na qual alguns indivíduos se mostram mais suscetíveis ao desenvolvimento da melancolia ao se depararem com experiências de perda que evocam o luto.

Primeiramente, dediquemo-nos à compreensão do luto como modelo de um fenômeno normal e de fácil observação. Por meio de simples vivência e observação empírica, não temos dificuldade de atribuir o desencadeamento do luto como resultado de uma perda. Assim o fez Freud (1917, p. 128), embora sua interpretação do termo não se reduza ao cenário da morte de um ente querido, como talvez seja frequente pelo senso comum. Para ele, o fenômeno do luto pode firmar-se sobre a perda de um objeto menos concreto, “como pátria, liberdade, um ideal, etc” (FREUD, 1917, p. 128), mas que dispunha de um grande investimento libidinal, e por razões diversas, encontra-se agora afastado da realidade do sujeito, e não se admite mais enquanto um objeto de afeto real, uma perda objetual profunda.

No luto, observamos um processo em que, devido à perda vivenciada, a conduta normal do sujeito se altera drasticamente.

O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo — na medida em que não lembra o falecido —, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor — o que significaria substituir o pranteado —, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. (FREUD, 1917, p. 129)

Dito de outro modo, a vivência do luto trata-se de uma consequência de um doloroso trabalho libidinal. “O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto” (FREUD, 1917, p. 129). Porém, conforme nos faz conjecturar a análise das características mais comumente observadas no sujeito enlutado, descritas acima, o que ocorre durante o luto parece ser não um desligamento, mas, na verdade, o oposto: um aumento da libido que se destina ao objeto perdido, em virtude, aparentemente, da recusa a abrir mão dele.

Curiosamente, no que é possível notar, para que ao final do processo de luto o desligamento da libido para com o objeto perdido ocorra, por fim, e o Eu possa se libertar da perda que se abate sobre ele, um último aumento da libido investida no objeto perdido se faz necessário. “Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido” (FREUD, 1917, p. 129).

Paralelamente, é também notável a diminuição do interesse libidinal para com quaisquer objetos que não remetem diretamente ao luto que está sendo vivenciado. Faz-se valer, aqui, a semelhança com o abandono dos objetos que ocorre ao indivíduo doente fisicamente, visto em Freud (1914, p. 17), e citado no Capítulo 2 deste trabalho. Nos dois casos, o sujeito renuncia ao afeto que destina aos objetos externos para que a libido possa retornar ao Eu enquanto este se recupera. O doente sofre de dor física, enquanto o enlutado sofre de dor psíquica, proporcionada por um amor que permanece, mesmo quando o seu objeto já não está mais presente.

Freud (1914, p. 17) também nos revela a normalidade da retração da libido observada no doente, de modo que, preferimos intervir sobre a doença em si, confiando que o sujeito retomará seus afetos após estar curado. A mesma lógica pode ser transferida para o luto, com o adendo de que não podemos remediar a perda sofrida. Dessa forma, normalmente, procuramos evitar que o luto sofra interferência, deixando ao sujeito o trabalho de concluir o processo de luto internamente. “Confiamos em que será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial” (FREUD, 1917, p. 128).

Nos dois fenômenos, observamos um caso de regressão narcísica, regido diretamente pelo funcionamento do princípio de constância. No caso do luto, é o aumento das tensões internas motivado pela perda que estimula a retirada da libido dos objetos externos, a fim de evitar novos estímulos negativos. Somente após desligar-se, ao menos parcialmente, do objeto perdido, aliviando as tensões internas, é que o sujeito passa a reinvestir seu afeto nos objetos externos. De fato, verificamos em Freud (1914, p. 20) que um represamento persistente da libido no Eu também se torna passível de gerar sofrimento, ao passo que essa deve ser investida nos objetos, preservando a conexão do Eu com as coisas do mundo, ou seja, sua realidade.

Tendo por encerrado nosso exame do afeto normal do luto, ainda temos um assunto a tratar antes de adentrarmos no estudo da melancolia. Devemos passar por uma questão que concerne à própria relevância das discussões apresentadas neste capítulo enquanto um estudo psicanalítico, que é a equivalência ou não entre a melancolia de Freud e a afecção que designamos atualmente por depressão.

Muitas das características que Freud atribui ao sujeito melancólico, com ligeiras alterações ou de forma integral, adequam-se bem a aspectos do que entendemos como sendo um funcionamento depressivo. Todavia, não parece haver consenso entre os comentaristas que justifique uma uniformidade terminológica pelo uso dos vocábulos enquanto sinônimos ou não, dentro da teoria psicanalítica. Esse contraste indica a necessidade de discutirmos ambas as terminologias mais aprofundadamente.

Em Moreira (2001, p. 94-95), é apresentada a perspectiva de uma equivalência entre os termos, sustentando o argumento de que Freud utilizava-se dos termos depressão, melancolia e depressão melancólica (no caso, seus correspondentes no alemão) sem distinção, como sinônimos. Indo mais além em sua análise, a autora nos evidencia o fato de que, de modo contemporâneo a Freud, ocorria na psiquiatria alemã uma progressiva substituição de emprego do termo melancolia por depressão. Seria viável, então, pensar que Freud teria usado o termo melancolia enquanto um análogo da depressão, quando a melancolia vem gradualmente a ser posta de lado com o desenvolvimento psiquiátrico?

Não seria a primeira vez que uma terminologia utilizada por Freud seria descartada. Como podemos verificar em *Introdução ao Narcisismo* (1914), ele designa por parafrenia o distúrbio hoje amplamente conhecido como esquizofrenia, esse último sendo sugerido por Bleuler, tratando-se aqui de uma disputa terminológica. Mas, torna-se difícil, senão impossível, atribuir esse mesmo caráter ao uso que Freud faz do termo melancolia, na medida em que, diferentemente do que verificamos para a parafrenia (FREUD, 1914, p. 10), não ocorre nenhum tipo de reivindicação em defesa da adoção do termo.

Concomitantemente, o uso da palavra melancolia precede em muito o autor. Conforme nos enuncia Silva (2008), o termo melancolia tem sua origem na Grécia antiga e foi usado ao longo de muitos séculos para designar um conjunto muito diverso de condições, sem qualquer preocupação relativa à coerência do ponto de vista nosológico. Esse fato corrobora a problemática trazida pelo próprio Freud (1917, p. 128), segundo o qual a melancolia que lhe é contemporânea possui uma definição vaga e não unificada.

Em contraposição à defesa pela equivalência entre os termos, Pinheiro (2010, p. 159) afirma a distinção entre melancolia e depressão, essa última sendo um transtorno não análogo ao luto, derivando de outros fatores que não a elaboração de uma perda. Mendes (2014, p. 424-427), por sua vez, segue por um caminho parecido, embora não idêntico, dispondo melancolia e depressão como patologias distintas. Ele enfatiza que o uso dos termos como sinônimos trata-se de um mal-entendido teórico, mas, diferentemente de Pinheiro, mantém a origem de ambas as afecções como oriundas do fenômeno da perda.

Ou seja, há vertentes conflitantes e uma análise ainda mais profunda é necessária a essa discussão, a fim de alcançar uma conclusão satisfatória. Uma vez que essa conclusão não é alvo da proposta do presente trabalho, tenho este assunto por encerrado. Feito esse parêntese, dediquemo-nos verdadeiramente à exploração do afeto melancólico.

Por princípio, tenhamos em mente que as semelhanças entre os dois fenômenos, luto e melancolia, são bastante numerosas, com ambos compartilhando de uma origem análoga, e, na verdade, encontrando muitas correspondências entre

si. Freud (1917, p. 128-129) nos anuncia que o comportamento do enlutado e do melancólico são indistintos em muitas características, visto que, tal qual no luto, o melancólico sofre de abatimento, perda de interesse pelo mundo externo, impossibilidade de escolher um novo objeto e diminuição da atividade. Ainda assim, acrescenta-se ao melancólico um comportamento que não se faz presente no luto, que é uma notável diminuição da autoestima.

O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo. Degrada-se diante dos outros; tem pena de seus familiares, por serem ligados a alguém tão indigno. Não julga que lhe sucedeu uma mudança, e estende sua autocrítica ao passado; afirma que jamais foi melhor. (FREUD, 1917, p. 130)

A perda na autoestima vivenciada pelo melancólico constitui sua característica mais distinta, que se desdobra e evidencia para nós boa parte do seu funcionamento. Primeiramente, chamou atenção de Freud (1917, p. 131) a forma desembaraçada com a qual o melancólico exhibe suas autoacusações, expondo prontamente suas falhas e culpa, de modo contrário ao que seria característico de alguém a quem realmente competiriam tais repreensões.

Ouvindo com paciência as várias autoacusações de um melancólico, não conseguimos, afinal, evitar a impressão de que frequentemente as mais fortes entre elas não se adequam muito a sua própria pessoa, e sim, com pequenas modificações, a uma outra, que o doente ama, amou ou devia amar. (FREUD, 1917, p. 132)

Temos então em vista o fato de que as autoacusações de que lança mãos o melancólico se dirigem, na verdade, a outra pessoa, e, por alguma razão, tem seu destino alterado, voltando-se contra o próprio sujeito. Nos atentemos, então, para o alvo dessas recriminações veladas, que buscam atingir um objeto de amor, aqui disposto sobre três condições distintas: o objeto que é amado; o objeto que já foi amado, mas não é mais; e o objeto que o sujeito deveria amar, porém se encontra incapaz de fazê-lo.

A comparação com o luto, então, serve-nos novamente aqui, pois o que vemos nesses objetos de amor, ou melhor, na perda deles, é a origem do estado melancólico, embora, como anteriormente exposto, a perda do melancólico não implica necessariamente na morte do objeto. Freud (1917, p. 135) reitera que mesmo uma ofensa, menosprezo ou decepção por parte do objeto podem fomentar no Eu uma relação de oposição entre amor e ódio relativa ao objeto. O Eu não se

sente amado de volta pelo objeto ao qual investiu parte de seu eu, não alcançando satisfação mediante ele.

O que ocorre a partir dessa ruptura da relação normal com o objeto, de acordo com Freud (1917, p. 133), é uma retirada da libido investida no objeto que abriga a ambivalência afetiva, amor-ódio que o Eu deposita sobre ele. Contudo, o rompimento não ocorre como no luto, pois a libido retirada do objeto fica represada no eu, onde se identifica com o objeto perdido, como que por ter trazido parte dele consigo. Por consequência, o próprio Eu passa a se confundir com o objeto internalizado, em um movimento de identificação que Freud (1917, p. 134) delimita como sendo uma regressão narcísica do eu, que busca restaurar uma condição aproximada do narcisismo primário, um estado em que, como vimos no capítulo 2, o Eu ainda não se diferenciava dos objetos do mundo externo, o que entende-se por um movimento de narcisismo secundário.

Eis que temos, na introjeção que o Eu do melancólico busca exercer sobre o objeto, a elucidação para as suas constantes autoacusações. O eu, que ama o objeto, busca internalizar o objeto perdido, incapaz de abrir mão dele. Assim, diferentemente do que ocorre no luto, o Eu melancólico tenta absorver o objeto, “[...] conforme a fase oral ou canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração” (FREUD, 1917, p. 134). Porém, o ódio gerado pelo rompimento com o objeto persiste e a própria existência do objeto internalizado passa a ser fonte de angústia, precisando ser destruída. Desse modo, o ódio do Eu se volta para o objeto internalizado, mas encontra um empecilho, uma vez que ao tentar destruir o objeto, o Eu destrói a si mesmo.

Se o amor ao objeto — a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo — refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento. (FREUD, 1917, p. 135-136)

É por meio dessa carga sádica sobre o objeto internalizado que Freud explicará o fenômeno do suicídio, que se observa ocorrer eventualmente para com diversos casos de melancolia.

[...] o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e

que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo.
(FREUD, 1917, p. 136)

Como desvendado em *As Pulsões e Seus Destinos* (FREUD, 1915, p. 54), o eu, obedecendo ao princípio de prazer, introjeta objetos os quais ele ama e se sente amado de volta, ou seja, que lhe são fontes de prazer, enquanto busca afastar de si tudo que lhe é desprazeroso. Mas, no melancólico, o objeto introjetado no Eu possui uma carga dupla, sendo simultaneamente amado (de modo que o Eu resiste em abrir mão dele enquanto objeto) e odiado (sendo alvo de intensa carga sádica que visa destruir o objeto, enquanto uma fonte de desprazer).

Como resolução do processo melancólico, há, então, dois fins possíveis: a elaboração do conflito para com o objeto, que resultará na reconciliação ou abandono para com ele; ou, consoante a Freud (1917, p. 136), o suicídio, em que o Eu é dominado pelo objeto.

Em retrospecto, tragamos à tona, mais uma vez, a comparação do luto com a melancolia, colocando-a em evidência. Observamos, em ambos os fenômenos, uma origem mediada pela perda de um objeto de amor, sobre o qual seu Eu dispunha uma parcela considerável de libido. A partir de então, no luto, realiza-se um penoso processo de desligamento da libido, “É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique” (FREUD, 1917, p. 129). Esse mesmo processo deveria ocorrer de forma semelhante no indivíduo melancólico. No entanto, Freud (1917, p. 140) nos aponta um complicador: a ambivalência do Eu em relação ao objeto, ausente no luto, é a causa de sua melancolia, porque uma parte de si quer preservar o objeto como um fragmento de seu eu, por meio da identificação, enquanto a outra ataca o objeto com intenção de destruí-lo, atingindo ao próprio eu.

O melancólico vivencia o conflito interno relativo ao objeto em dois níveis. O conflito relativo à oposição amor-ódio que se exerce sobre o objeto é estabelecido por Freud (1917, p. 140-141) como atuante a um nível inconsciente, em razão de que, mesmo que o melancólico tenha consciência de sua perda, tendo ciência do objeto que foi perdido, o conflito relativo à ele permanece obscurecido. Na consciência, manifesta-se apenas as recriminações direcionadas ao Eu por uma

instância crítica, consequência da carga sádica orientada contra o objeto internalizado, que ocasiona o característico rebaixamento do melancólico.

Assim como o luto leva o Eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo, do mesmo modo (na melancolia) cada conflito da ambivalência relaxa a fixação da libido no objeto, desvalorizando-o, depreciando-o, até abatendo-o, por assim dizer. (FREUD, 1917, p. 141)

O melancólico apenas pode se curar de seu estado de rebaixamento quando a ambivalência que ele conserva em relação ao objeto encontra um fim, “seja após a raiva ter se esgotado, seja após o objeto haver sido abandonado por não ter valor” (FREUD, 1917, p. 141). Cessa, então, o represamento narcísico da libido e o eu, não mais assolado pela crítica interna, de maneira que o sujeito se encontra, assim como ocorre com fim do luto, novamente livre para buscar investimentos externos.

É a partir do encerramento do estado melancólico que se observa sua eventual tendência a dar lugar a um estado de mania, transformação que se restringe apenas a alguns casos na melancolia e totalmente ausente no luto. A mania constitui estado de ânimo oposto à afecção melancólica até então vivenciada, em que, por via de regra, o Eu encontra-se exacerbadamente bem-disposto e pronto a buscar novos investimentos de objeto.

Em um primeiro momento, não é difícil imaginar o surgimento da mania como consequência da superação da perda do objeto e Freud (1917, p. 139) nos aponta essa possibilidade. No entanto, o próprio autor já nos ressalta que ao fim do luto também ocorre a superação do objeto perdido, mas não se produz nenhuma condição análoga à mania.

Outra explicação nos é apresentada em *O Eu e o Id* (FREUD, 1923, p. 50), colocando a conversão em mania enquanto uma defesa do eu, que assume ânimo oposto, de modo a defender-se da carga sádica disposta sobre ele pela instância crítica. A carga sádica, derivada do ódio relativo ao objeto, aponta-nos ainda outra possibilidade, que é o entendimento do ânimo observado na mania como fruto da satisfação sádica advinda da destruição, ou destruição parcial, do objeto internalizado, de modo que, com o rebaixamento do objeto o Eu vivencia um estado de superinvestimento. A ausência da mania após a dissolução do luto se deveria ao fato de não haver ambivalência relativa ao objeto nesse estado, enquanto, para

explicar os casos melancólicos que não dão lugar à mania, como vimos, a destruição do objeto não constitui o único caminho para a superação da ambivalência.

Por fim, cabe aqui a menção de que, com o advento da pulsão de morte, “[...] cuja tarefa é reconduzir os organismos viventes ao estado inanimado [...]” (FREUD, 1923 p. 37), muito viria a se acrescentar na compreensão do fenômeno do suicídio, e da própria melancolia, embora esta permaneça sob formação narcísica. Apesar disso, resguardando-nos sob a ideia de que esse trabalho compreende a leitura de um período muito específico da obra freudiana, que não chega a envolver a segunda teoria pulsional, deixamos essa discussão reservada para um trabalho futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo seu lugar cativo no desenvolvimento psicosssexual normal, o narcisismo se faz um tema de estudo necessário para todos aqueles que investigam a psicanálise freudiana. Green (1988, p. 9) alega que é o narcisismo uma das principais causas da resistência que se observa em muitos dos pacientes submetidos à análise, além de suas inúmeras repercussões para com outros aspectos da teoria.

A investigação desenvolvida neste trabalho forma um quadro geral do narcisismo freudiano no período pré segunda teoria pulsional. Desse modo, aborda o Eu enquanto objeto do próprio indivíduo (objeto narcísico), as relações econômicas da libido, e a melancolia como principal transtorno de fonte narcísica.

Sobre as bases teóricas utilizadas, apesar de o número de textos produzidos por Freud enquanto integralmente dedicados ao tema do narcisismo ser bastante restrito, seu conteúdo se integra a diversos outros aspectos da teoria. Não obstante, a escolha deste trabalho, por ter como base principal as obras freudianas, ainda que por vezes apoiadas por trabalhos de comentadores, fundamenta-se na ideia de que estes constituem a mais indubitável fonte para o pensamento do autor.

Conforme se tem evidenciado no decorrer dos capítulos deste trabalho. Na primeira teoria pulsional, o apoio das pulsões sexuais sobre as pulsões sobre as pulsões de autoconservação, a admissão do Eu enquanto objeto autoerótico, conduzem a uma natural construção da teoria do narcisismo. Tal teoria somente será refutada por Freud diante da possibilidade de perda de um conceito estruturante para sua teoria, o dualismo pulsional. A partir daí o narcisismo perde espaço na teoria, mas não desvanece. Estando presente no desenvolvimento psicosssexual do sujeito, os reflexos do narcisismo permeiam suas relações de objeto, e na clínica, a melancolia se mantém como a principal afecção de base narcísica.

Uma das reflexões a que este trabalho nos leva é que, ao examinarmos a psicanálise de Freud, devemos ser capazes de regular a lente pela qual observamos

o conteúdo dela. Um mesmo tema pode ser desenvolvido de forma profunda e enfocada, ou de modo amplo e encadeado com outros temas.

Assim, torna-se necessário dizer que ainda há muito a ser abordado sobre o narcisismo. Sua influência na clínica, seu papel no desenvolvimento psicosexual, nas relações de objeto, nas defesas do Eu e seus desdobramentos após a segunda teoria pulsional, são e serão ainda alvo de inúmeros debates teóricos.

6 REFERÊNCIAS

- FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo** (1914). In: Freud Obras Completas Volume 12 Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916). SOUZA, P. C. de. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. **Luto e Melancolia** (1917). In: Freud Obras Completas Volume 12 Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916). SOUZA, P. C. de. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. **O Eu e o Id** (1923). In: Freud Obras Completas Volume 16 O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). SOUZA, P. C. de. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. **Os Instintos e Seus Destinos** (1915). In: Freud Obras Completas Volume 12 Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916). SOUZA, P. C. de. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade** (1905). In: Freud Obras Completas Volume 6 Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905). SOUZA, P. C. de. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 24ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1994
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GOMES, Gilberto. *Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb*. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2001, v. 17, n. 3 [Acessado 21 Março 2022] , pp. 249-255. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007>>. Epub 27 Maio 2002. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007>.
- GREEN, A. **Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte**. BERLINER, C. (trad.). São Paulo: Editora Escuta, 1988.
- HANNS, L. A. **Dicionário Comentado do Alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- KEHL, M. R; CARONE, M; PERES, U, T. In: FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilene Carone. São Paulo. Cosac Naify, 2013.
- LAPLANCHE, J. **Vida e Morte em Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J, B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MENDES, Elzilaine Domingues; VIANA, Terezinha de Camargo; BARA, Olivier. *Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico*. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 30, n. 4, p. 423-431, dez. 2014 . Disponível em

<[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0102-37722014000400007 & lng= pt\ nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000400007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 jun. 2021.

MEZAN, R. **Freud: A Trama dos Conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes. *A melancolia na obra de Freud: um Narciso sem [des]culpa*. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 4, n. 4, p. 92-102, dez. 2001 . Disponível em <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142001000400092&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 jun. 2021. <https://doi.org/10.1590/1415-47142001004007>.

PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira; QUINTELLA, Rogerio Robbe; VERZTMAN, Julio Sergio. *Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia*. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 2, p. 147-168, 2010 . Disponível em <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 jun. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000200010>.

SILVA, Paulo José Carvalho da. *Um sonho frio e seco: considerações sobre a melancolia*. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 11, n. 2, p. 286-297, jun. 2008 . Disponível em <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1415-47142008000200011 & lng= pt\ nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 jul. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000200011>.

SILVEIRA, L. *Fantasia, analogia e narcisismo: Um argumento contra a tradução de “Trieb” por “instinto”*. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 189-204, 2014. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v19i1p189-204. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/85603>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SORIA, Ana Carolina Soliva. **Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud**. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.